

Foco e estratégia da supervisão clínica em psicoterapia breve

Focus and strategy of the clinical supervision on brief psychotherapy

Cleusa Kazue Sakamoto¹

Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo.

Universidade Presbiteriana Mackenzie, Faculdade de Psicologia, Departamento de Psicologia Clínica.

psicoclinica@mackenzie.br

Resumo

Como supervisora clínica no contexto da Clínica-Escola com a abordagem da Psicoterapia Breve, temos refletido sobre a situação de ensino-aprendizagem em Psicologia Clínica, sobre a técnica da Psicoterapia Breve e sobre o papel da supervisão clínica na formação do Psicólogo. Introduzimos as idéias de Foco e Estratégias da supervisão em Psicoterapia Breve, fundamentalmente relacionadas ao enquadramento da situação de supervisão, retomando questões acerca do que estamos fazendo e para quem ou com quem estamos fazendo o que fazemos. Para

¹ Endereço para correspondência:

Universidade Presbiteriana Mackenzie, Faculdade de Psicologia, Departamento de Psicologia Clínica.

Rua da Consolação, 896 - prédio 38

Consolação

01302-907 - Sao Paulo, SP - Brasil

Telefone: (11) 32566827 Fax: (11) 32566217

encaminharmos a presente discussão, apresentamos uma relação de estudos sobre o assunto e uma pesquisa realizada com nossos alunos-estagiários de um semestre letivo, sobre suas experiências de estágio. Os dados oferecem subsídios para o debate em relação ao trabalho da supervisão.

Palavras-chaves: Psicoterapia breve, Supervisão clínica, Formação do psicólogo.

ABSTRACT

As clinical supervisor within the context of the Clinical School regarding Brief Psychotherapy, we have given consideration to the situation of the teaching-apprenticeship on Clinical Psychology, to the Brief Psychotherapy technique and to the role of the clinical supervision in the development of a Psychologist. We have introduced the ideas of Focus and Strategies of the Brief Psychotherapy supervision, related principally to the shaping of the supervision situation, reverting back questions as to what we are doing and to whom or with whom we are doing what we are doing. In order to orient this discussion, we present a series of studies on the subject, plus a research performed with our students during an academic semester, about their training experiences. This data provides subsidies for the discussion related to the supervision work.

Index terms: Brief psychotherapy, Clinical supervision, Psychologist background.

A nossa experiência como supervisora clínica no contexto da Clínica-Escola com a abordagem da Psicoterapia Breve, têm nos levado à refletir sobre as características peculiares: a) da situação de ensino-aprendizagem em Psicologia Clínica; b) da técnica da Psicoterapia Breve; e, c) do trabalho da supervisão clínica nos estágios curriculares da formação do Psicólogo.

Existe no nosso entender, uma rede de específicos elementos que participam da experiência de atendimento clínico, realizado pelo aluno do Curso de Psicologia na última etapa de sua formação profissional, que nos leva de encontro à uma série de reflexões sobre a prática clínica dentro da abordagem da Psicoterapia Breve e sobre a função da supervisão clínica a ela associada.

Em linhas gerais e em primeiro plano, devemos considerar que a experiência de estágio clínico realizado pelo aluno, envolve um terapeuta iniciante (que nem sempre possui interesse em atuar na área clínica, como referem Aguirre et al., 2000), que possui duas principais motivações: 1) a tarefa profissional do atendimento clínico de seu paciente e, 2) a realização (consciente ou não), de um árduo e denso trabalho, não mais adiável, de elaboração e sínteses teórico-técnicas que oferecerão os contornos de uma identidade profissional necessariamente emergente neste momento. Sendo assim, temos considerado que este estágio da formação universitária possui caracteristicamente, finalidades criativas, que irão mobilizar o futuro Psicólogo para questões que transcendem as situações imediatas dos estágios clínicos. Expectativas sobre a competência profissional, fantasias e desejos acerca de suas condutas impotentes ou onipotentes, ansiedades frente à situação profissional nova e desconhecida, são bons exemplos dos matizes das vivências que se apresentam para este “aprendiz” de psicoterapeuta, que através do exercício profissional do estágio em Psicologia Clínica, poderá reunir subsídios para uma

escolha futura mais consciente sobre sua área de atuação e/ou no mínimo, enriquecer sua bagagem acadêmica.

A nossa experiência de supervisão do trabalho clínico do atendimento psicoterápico breve desenvolvido pelos estagiários do 5º. ano, há algum tempo, tem intensificado uma antiga preocupação em relação às efetivas colaborações que podemos oferecer ao aluno durante o estágio, que representem auxílio para a desenvoltura no desempenho do papel terapêutico. Esta preocupação mostra-se de imediato, associada à idéia acerca da importância de avaliar o processo e o “sucesso” em Psicoterapia Breve e à percepção da situação de desafio que enfrenta o nosso aluno-estagiário.

Em relação à situação peculiar do aluno-estagiário, Simon (1981) nos oferece contribuições ao debater a Formação do Psicoterapeuta para a Realidade Brasileira. Ele menciona a necessidade do “candidato à Psicoterapeuta” apresentar “disciplina mental” requerida “para lidar com abstrações complexas” e, “experiência de vida”. Acrescenta que estas duas aquisições tomam parte natural do momento e processos inerentes ao desenvolvimento do curso universitário e, afirma: “O aprendizado da psicoterapia não é apenas teórico. É sobretudo baseado na vivência pessoal, e esta ainda é muito incipiente no adolescente que inicia aos 18 anos o curso de graduação universitária.” (p.68). Para o autor, a formação do Psicoterapeuta “deveria fazer-se em curso de especialização, após o candidato ter sido graduado em curso de medicina ou psicologia” e deveria adequar-se à realidade brasileira, no sentido de responder à suas características e demandas. Neste sentido, conclui que “dado o vulto e a urgência de atendimentos da população, as espécies de tratamento apropriadas seriam as chamadas psicoterapia suportiva e psicoterapia breve (Wolberg, 1967).” (p.70).

Nossa concordância é plena em relação ao pensamento de Simon (1981) sobre a necessidade indiscutível da bagagem de vida pessoal para o exercício da função terapêutica e sendo assim, acreditamos fundamental que o trabalho da supervisão clínica tenha em conta não apenas os aspectos teóricos e técnicos e o seu interjogo, mas considere também o preparo pessoal do aluno-estagiário em sua experiência como terapeuta iniciante. Temos considerado que o preparo evidenciado na atitude de compromisso por parte do terapeuta-estagiário é tão importante quanto o compromisso do paciente com o atendimento psicoterapêutico, somado a outros fatores tão bem lembrados pelos diferentes autores estudiosos da Psicoterapia Breve, como a motivação do paciente para o trabalho psicoterápico, a capacidade do paciente em relacionar fatos e significados e a sua abertura para considerar novas interpretações apresentadas na situação do atendimento clínico (Sakamoto, 2000).

Na medida em que nos encontramos portanto, frente a uma experiência desta magnitude, consideramos que uma boa dose de atenção e dedicação específicas no ofício da supervisão, constituem-se pilares estruturais determinantes. Dentro desta perspectiva de visão, temos considerado que a nossa atenção na situação da Supervisão, também é necessária e caracteristicamente, uma atenção seletiva que organiza e encaminha a experiência, tornando-a produtiva e válida. No desenvolvimento desta idéia, nos ocorre então, propormos que a supervisão clínica em Psicoterapia Breve possui explícita ou implicitamente, um Foco e, faz uso de Estratégias, em consonância às propostas fundamentais da abordagem da psicoterapia praticada – a Psicoterapia Breve.

A idéia de Foco e de Estratégias da supervisão em Psicoterapia Breve se apresenta basicamente relacionada neste sentido, a questões que nos remetem ao enquadramento da situação de supervisão, retomando reflexões sobre o que estamos fazendo e para quem ou com quem estamos fazendo o que fazemos. Nesta situação

de estágio em Psicologia Clínica, muitos propósitos se sobrepõem e se entrelaçam: a experiência clínica do aluno, o atendimento psicológico do paciente, a supervisão do trabalho clínico realizado pelo aluno, o processo terapêutico em questão, a formação profissional do aluno, a dedicação e competência do supervisor. Deste modo, na situação de supervisão, parecem concomitantes a existência de tarefas nas quais o supervisor se vê dando algo para o aluno e momentos em que ele se vê construindo algo com o aluno. Estas instâncias do relacionamento de ensino-aprendizagem entre supervisor e aluno-estagiário conferem sem dúvida, à situação de supervisão clínica, peculiaridades e inegável profundidade na experiência, que nos estimulam uma ampla discussão que pretendemos dar início nesta oportunidade.

O ser terapeuta é fruto de um longo caminho de construção pessoal solitária e compartilhada voltada a um ofício de ajuda e, o nosso trabalho de supervisão é uma tarefa que toma parte deste processo e que busca, tomando emprestadas as palavras de Maud Mannoni (1989/1992), *evitar os “riscos do controle” e o exercício da “função de vigilância” e, acompanhar o terapeuta a tomar ciência das “referências com as quais funciona, a colocá-las em confronto com outras referências, ajudando-o a encontrar um estilo próprio que não seja pura imitação da habilidade de um outro.”* (p.38).

Deste ângulo, o Foco da supervisão, no nosso entendimento, é atender às demandas das integrações teórico-técnicas da prática clínica envolvidas no atendimento, às demandas da prática clínica específica da psicoterapia breve e ainda, auxiliar o aluno em seu processo de formação profissional colaborando na aquisição de uma identidade profissional. A possibilidade de nos colocarmos como conhecedores do processo em questão e, a partir daí atualizarmos o sentido de uma relação de respeito humano, pode gerar um conforto emocional que participa

construtivamente da situação de experiência pessoal do aluno em sua tarefa de desenvolvimento profissional.

Para concluirmos a presente discussão, iremos referir as escassas informações que encontramos ao procurarmos localizar o tema da supervisão clínica na abordagem da Psicoterapia Breve no campo da investigação científica e finalmente, apresentar uma pesquisa realizada com nossos alunos-estagiários acerca de suas experiências de estágio.

As Pesquisas Atuais sobre a Supervisão Clínica em Psicoterapia Breve

Embora o assunto sobre o trabalho da supervisão clínica em Psicoterapia Breve seja da maior relevância, encontramos nos últimos seis anos, apenas sete trabalhos que abordam o assunto e dentre eles, apenas dois que dizem respeito à supervisão enquanto situação de treinamento do psicoterapeuta. Ambos de 1999, o primeiro deles de Levenson & Strupp, apresenta o resultado de dois levantamentos de “praticantes e supervisores de treinamento de estagiários” e refere que “há um número considerável de terapias breves sendo ministradas” que “Entretanto, (...) não parecem ser adequados”, menciona onze recomendações tais como o “estudo de processos e desenlaces do treinamento” ou o uso de gravações do trabalho clínico em vídeo para o ensino e a supervisão e, conclui sobre a importância de aprofundamentos na área; o segundo estudo, de Binder, sugere que as “ciências cognitivas” oferecem melhores recursos “teórico-empíricos” do que a “estratégia pedagógica tradicional” das teorias clínicas psicanalíticas, “para entender a perícia terapêutica e pode ser aplicada para desenvolver métodos de ensino psicoterapêuticos aperfeiçoados” e, descreve uma “forma de ensino baseada na tecnologia do computador multimídia” que “preenche uma falha entre o curso didático e a supervisão terapêutica”. Os demais trabalhos, menos diretamente relacionados ao

assunto, são: a) um deles que aborda a competência de um grupo de terapeutas que possuem “diagnóstico de ansiedade” e utilizam a proposta da STAPP ou Psicoterapia Breve Provocadora de Ansiedade; b) três trabalhos da área psiquiátrica, na qual um deles apresenta uma discussão sobre o “impacto” da existência de deficiência física no psiquiatra-residente praticante da psicoterapia breve, nos processos transferenciais e na supervisão; um outro, que é um “guia” de “leituras básicas em psiquiatria”; e, o terceiro, que aborda o trabalho de “orientação” ao invés do “tratamento” em tempo limitado, de pacientes “severamente perturbados”; finalmente, c) um trabalho que refere que a terapia breve com supervisão clínica pode oferecer resultados significativos desde que haja o cumprimento de três premissas: que o supervisor apresente uma compreensão psicanalítica e uma atitude psicanalítica clara e, o orientando apresente um “enfoque psicanalítico”, que permitirão ao orientando “identificar os aspectos inconscientes do conflito central do paciente” e “acreditar em suas sensações inconscientes”.

Constatamos assim, que existe evidentemente uma significativa lacuna em termos de um debate que promova aprofundamentos necessários sobre o assunto e que encaminhe uma construção deste conhecimento tão fundamental, principalmente se o apreciarmos do prisma da formação do psicólogo clínico.

Uma pesquisa sobre a experiência do aluno no estágio clínico

Dentro da perspectiva de buscar estratégias que melhor atendam aos propósitos envolvidos no trabalho de supervisão clínica em Psicoterapia Breve, temos introduzido, a utilização de “Formulários de Apoio ao Atendimento Clínico” que são voluntariamente usados por nossos alunos e que consistem em um recurso auxiliar, que instrumentaliza o terapeuta-iniciante fornecendo-lhe algumas sínteses e indicações úteis de seu trabalho de atendimento clínico ao paciente. Na tentativa de

monitorar a validade destes Formulários e compreender melhor a experiência dos alunos-estagiários, temos investigado o uso destes Formulários e a experiência de estágio em Psicologia Clínica de nossos alunos-supervisionandos.

Em nossa iniciativa de investigação, temos constatado alguns benefícios relatados pelos alunos com o uso dos Formulários e observado a importância do enquadre estabelecido da supervisão e de outras estratégias utilizadas.

A título de ilustração, apresentaremos a seguir um estudo realizado com os nossos alunos-estagiários dos grupos de supervisão clínica em Psicoterapia Breve de Adultos e de Crianças e seus Pais, de um semestre letivo.

O estudo envolveu 29 alunos-estagiários que voluntariamente participaram da pesquisa e, utilizou um questionário com seis perguntas abertas sobre diferentes aspectos da experiência de estágio. Apreciaremos aqui, duas das questões que se referem: 1) aos ganhos atribuídos ao estágio e, 2) às falhas e dificuldades vivenciadas.

Tabela 1. Relação de ganhos atribuídos à experiência

Ganho	No. de Resp.	%
-------	--------------	---

experiência/experiência clínica/conhecimento	18	26,1%
contato com várias formas de atuação através do grupo	11	16,0%
maior segurança para atuar na área/sentimento de valor profissional	9	13,1%
	6	8,7%
crescimento pessoal/ percepção mais realista de si	6	8,7%
prazer/satisfação de expectativas do estágio	6	8,7%
ajuda de supervisora competente	5	7,3%
visão diferente do estudo teórico	3	4,4%
maior interesse para escolher/atuar na área	1	1,4%
feeling	1	1,4%
ganho teórico	1	1,4%
autonomia e liberdade de escolha do paciente	1	1,4%
postura clínica e ética	1	1,4%
atenção também aos aspectos de saúde		
Total		100%

As respostas de cada aluno para as duas questões foram classificadas por temas conforme suas idéias principais e o conjunto das respostas do grupo de alunos para cada questão, foi reunida em categorias que se constituem nos dados para nossa discussão. Na Tabela 1, podemos apreciar a qualidade das respostas obtidas ao questionário sobre a relação de ganhos reconhecidos pelos alunos na experiência de estágio e na Tabela 2, podemos apreciar a relação de dificuldades identificadas na experiência.

Tabela 2. Relação de dificuldades e falhas identificadas na experiência*

Dificuldades/Falhas	Nº de Resp.	%
De intervir/medo de errar/não ajudar/não saber ouvir	7	22,6%
Pessoal (acidente, para aceitar e impor limites, saúde física)	5	16,1%
Falta de conhecimento teórico/inexperiência	4	12,9%
Preocupação de fazer o relatório/passar no estágio	4	12,9%
De trabalhar em grupo grande de alunos	3	9,7%
Desorganização da secretaria da Clínica-Escola	3	9,7%
Resistência do paciente	2	6,4%
Relacionar teoria e prática	1	3,2%
Insegurança frente ao desconhecimento da história de vida do paciente	1	3,2%
Encontrar pacientes com indicação adequada para PB	0	0
Total	31	100%

*(Não responderam à questão dois dos alunos participantes)

Conforme observamos na Tabela 1 sobre os ganhos do estágio, temos um total de 69 respostas que representam praticamente duas e meia respostas por aluno e na Tabela 2 sobre as dificuldades da experiência, temos um total de 31 respostas que equivaleriam a uma resposta por aluno, ainda que levemos em conta que dois dos alunos não tenham respondido à questão. Mediante estes dados podemos considerar que referir ganhos é mais estimulante ou menos dificultoso que mencionar dificuldades nesta situação de experiência ou que, o aluno, além da dificuldade preponderante “do medo de errar”, mostra uma dificuldade para identificar suas dificuldades.

Em linhas gerais, temos em termos dos ganhos atribuídos ao estágio, um maior número de referência dos alunos à aquisição de experiência e conhecimento, seguida do enriquecimento da situação de supervisão em grupo na qual se têm a possibilidade de contato com variadas maneiras de procedimento clínico e da conquista de uma maior segurança profissional e do sentimento de valor profissional.

Podemos considerar ainda, que embora tenhamos constatado respostas específicas em relação a ganhos de “crescimento pessoal e melhor percepção de si mesmo” ou mesmo, sobre a existência de frutos como o “prazer e a satisfação de expectativas do estágio”, que a quase totalidade das respostas menciona ganhos que sugerem uma face pessoal à situação que é claramente descrita e identificada como profissional. Diante destes dados, somos levados a pensar que o processo subjacente de desenvolvimento pessoal na experiência profissional durante a realização do estágio clínico, pode estar mais presente ou consciente para os alunos do que supomos teoricamente. De qualquer forma, a possibilidade de verificarmos que os alunos-estagiários reconhecem a importância do crescente preparo pessoal para a bem sucedida formação profissional, pode sem dúvida contribuir para que eles possam vir a identificarem melhor suas dificuldades nesta situação de aprendizagem e a partir daí, possam ter enriquecidos seus processos de formação profissional.

Referências Bibliográficas

Aguirre, A.M.B. et al.(2000) *A Formação da Atitude Clínica no Estagiário de Psicologia*. Psicologia USP. v.11, n.1, pp.49-62.

Mannoni, M. (1992) *A Supervisão em Psicanálise*. Trad. Eliana Borges Pereira Leite. 1ª. ed. São Paulo: Editora Escuta.

Psycinfo: journal articles (1994-2000) chapters & books [on line]. Washington, DC: American Psychological Association .

Sakamoto, C.K. (2000) Considerações sobre o Manejo Técnico em Psicoterapia Breve [Apresentado no 2º. Encontro de Psicoterapia Breve de Adultos e de Crianças da Faculdade Presbiteriana Mackenzie e do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicoterapia Breve, São Paulo, 2000]

Simon, R. (1981) A Formação do Psicoterapeuta na Realidade Brasileira. *Boletim de Psicologia da Sociedade de Psicologia de São Paulo*. v.33, n.8, pp.67-73.

Recebido: 02/01/2006

Aceito: 29/03/2006